

Este conto pertence ao livro
Persona ou O Corretor de Imóveis

O MÁGICO

*A mentira pode ser verdade,
e vice-versa.*

Sator Rotas

O circo chegou e começara a ser armado. Enquanto isso havia um desfile pela cidade de leões, ursos, trapezistas e palhaços. Folhetos eram espalhados, anunciando uma grande oportunidade: recrutar na própria cidade uma moça para ser Cleópatra. Pagava-se bem, além da possibilidade de um contrato definitivo com a trupe. Nestes tempos modernos de desemprego globalizado, a fila era sempre grande e havia muitas candidatas com o diploma de nível superior. O próprio mágico fazia a seleção e, uma vez escolhida a moça, outros cartazes eram espalhados pela cidade, anunciando o número de despedida com Zanzibar, o Grande, e Cleópatra, a Rainha do Nilo.

Durante a semana o mágico deu seu espetáculo com dois atos. No primeiro, foram truques de baralho e adivinhações com a participação da platéia. No segundo, envolta em sombras e fumaças misteriosas, uma bola brilhante flutuou no espaço, percorrendo trajetórias inacreditáveis; sem falar que Zanzibar, o Grande, retirou moedas das orelhas de meninos assustados. O terceiro ato só aconteceria no último dia de permanência do circo, na última sessão noturna, sem a presença de crianças. Anunciava-se ainda que o espetáculo não era adequado aos que sofressem do coração e àqueles que se impressionassem facilmente. A grande atração, nem era o mágico, era Cleópatra, a Rainha do Nilo, que desfilaria nua sob o foco de luz de um potente holofote, antes de entrar na urna do faraó.

Foi um delírio total. Todos queriam ver a Paula Renata que estava convencida de que faria aquilo profissionalmente. Aliás, ela já tinha avisado em casa que seguiria com o circo; agora ela era

profissional por força do contrato que assinara com a Companhia Ganense de Espetáculos Circenses Ltda.

Os camarotes da pista foram invadidos, a multidão queria ver de perto a Paula Renata, filha do Seu Lutaí e da Dona Cassimira, que fora candidata a misse, madrinha da bateria da Escola de Samba Unidos do Morro-88, Glamour Girl-89 e Rainha do Carnaval-92. A moça, envolta numa malha transparente e de salto alto, deu uma volta inteira no picadeiro sob o delírio da inquieta platéia, antes de entrar na urna do faraó. Veio, então, Zanzibar, o Grande, com seus afiados e travados serrotes. No silêncio que se abatera sobre o circo e ao som de uma música macabra, o mágico enfiou o serrote numa fresta da urna e deu a impressão de que serrava a cabeça de Paula Renata, que só deu um gritinho rápido e engasgado. Em seguida, serrou a perna esquerda, a direita e os braços. Quando terminou, Zanzibar, o Grande, abriu a urna, retirou as peças ensangüentadas e colocou-as num cesto. Na platéia: desmaios, suspiros, assobios e aplausos. Entrou a turma dos mata-cachorros e carregou as trapizongas de Zanzibar, o Grande, que, enrolado numa capa vermelha, agradecia as palmas enquanto se retirava do picadeiro com reverências orientais. O povo saiu discutindo as hipóteses explicativas do truque e a versão mais comentada era a do alçapão por onde Paula Renata teria escapado, sendo substituída por uma boneca.

Em Ouro Preto estavam anunciando a chegada do Circo Ganense, onde haveria o magnífico espetáculo do inigualável mágico Zanzibar, o Grande. Os folhetos de recrutamento já estavam espalhados:

Precisa-se de jovem bonita para trabalhar como Cleópatra, a Rainha do Nilo, no espetáculo de Zanzibar, o Grande. Bom salário, carteira assinada, alimentação, alojamento, assistência médica, férias regulamentares.

Seleção a partir de 9 horas.

Em Rondônia, o cabo da PM Possidônio, descobriu que Zanzibar, o Grande, fazia bons bifés das partes nobres; o resto ele dava aos leões.